

Ao desenvolver uma estratégia para lidar com o poderio convencional soviético, tomamos nota de um turismo; Na era nuclear, nenhuma guerra convencional envolvendo combate entre forças dos USA e dos Soviéticos deixaria de ser influenciada pelas armas nucleares. A guerra seria inevitavelmente planeada e combatida na sombra de ameaças nucleares.

Estratégias para a guerra convencional na Europa voltam repetidamente a este tema. Os USA e os seus aliados têm frequentemente afirmado que as suas forças na Europa não estão equipadas para se manterem em combate para além de um certo número de dias e que elas teriam então de voltar para as armas nucleares.

Contudo uma fatal ambiguidade encobre esta declaração. Algumas vezes tem parecido como se a Nato planeasse utilizar o campo de batalha ou mesmo armas nucleares pelos seus efeitos directos para repelir a invasão soviética. Outras vezes os responsáveis do Nato colocam uma estratégia diferente - que o que a Nato efectivamente pretende ao ameaçar utilizar armas nucleares é apontar os perigos da escalada e com efeito; concentrar os espíritos dos dirigentes Soviéticos na apocalipse no fim da estrada.

Se a última é realmente a mensagem da aliança, ela permanecerá crível? Poderá Nato confiar em ameaças de escalada que determinariam a - sua própria destruição (juntamente com a da União Soviética) se cumpridas? Estas questões preocupantes, que não são novas, têm sido levantadas de novo abertamente em recentes debates europeus, muitas delas lançadas pelas negociações para eliminar forças nucleares intermediárias do continente. Nato precisa claramente de uma estratégia coerente que seja viável por muito tempo.

Poderá Nato confiar em ameaças de escalada que determinaria a sua própria destruição se implementadas

Que dizer acerca da possibilidade de que a aliança pudesse derrotar o exercito soviético, ou pelo menos combatê-lo até a imobilização, sem ter de lançar a mão ás armas nucleares? Muitos analistas sustentam que isso deve, na verdade, ser possível. Eles citam a superioridade qualitativa dos armamentos da Nato e argumentam que o invasor presumivelmente teria necessidade de esmagador superioridade em homens.

Contudo, estes analistas podem estar errados. Nos últimos anos, as forças do Pacto de Varsóvia têm diminuído substancialmente a vantagem qualitativa da Nato, para além disso, a União Soviética escolheria como ponto do ataque, o lugar onde a superioridade quantitativa fosse mais relevante. As desvantagens de defesa seriam adicionalmente complicadas pela possibilidade dos Soviéticos apresentassem ameaças ambíguas em muitas diferentes áreas ao mesmo tempo. E aqui de novo, as estratégias Soviéticas poderiam jogar na provável relutância de alguns membros da Nato de tomarem medidas defensivas decisivas que pudessem parecer "provocativas" numa crise.

A União Soviética produz significativamente mais sistemas de armamentos do que os Estados Unidos. Durante a última década, produziu quase nove vezes mais peças de artilharia, cinco vezes mais SAM'S, mais do que três vezes o número de tanques e duas vezes mais aviões de caça helicópteros e submarinos do que nós.

(Ver gráfico na pág. 28 do texto em inglês)

O Pacto está agora bem colocado para lançar um ataque surpresa e na próxima década poderia melhorar essa capacidade. As suas

forças estão mobilizadas de modo que não precisam de muita preparação final ou de reforço da União Soviética. Rapidez é posta em realce na formação para o combate do Pacto. Os atacantes teriam por objectivo um súbito e violento ataque (o "blitzkrieg") visando penetrar as defesas avançadas muito rapidamente e destruir o máximo das forças nucleares da Nato antes que elas sejam utilizadas. Alguns analistas sugerem, que as forças do Pacto poderiam penetrar profundamente na Europa Ocidental mais ou menos em dez dias, antes de muitos ou talvez nenhuns, reforços de tropas dos USA terem chegado ao continente.

É certo que haveria várias desvantagens para os Soviéticos num ataque surpresa organizado ao longo destas linhas. Particularmente exige-lhes depender fortemente das forças este-europeias. Esta dependência deve funcionar ^{para} deter Moscovo, e o efeito dissuasivo poderia ser aumentado se a Nato tirar mais vantagens do facto que a maior parte da Europa do Leste seria cúmplice involuntário em qualquer ataque do Pacto de Varsóvia.

Assim, os Soviéticos poderiam mobilizar antes de uma invasão e depender muito mais fortemente das suas próprias forças, mesmo que isto signifique que o ataque perca um elemento de surpresa. Nesse caso, questão importante seria a de saber se a Aliança ^{17, 18} tiroo vantagem dos sinais de aviso que sem dúvida seriam ambiguos - ou se recusou reagir prontamente com medo de exacerbar a crise.

Melhorias significativas têm sido feitas nos últimos anos na capacidade dos USA para a defesa convencional na Europa.

Melhorias significativas têm sido feitas nos últimos anos na capacidade dos Estados Unidos para a defesa convencional na Europa. As mais importantes dessas melhorias têm sido a mais elevada prontidão e melhor moral do pessoal militar. Além disso, temos reforçado os sistemas de comando e controle e introduzido alguns equipamentos militares

avançados. Outros equipamentos têm sido melhorados significativamente - por exemplo a introdução de 4000 tanques M-1, 1000 novos helicópteros (AH - 64 e UH - 60) e 1200 novos aviões - caças F - 16. Para o futuro, o reforço de uma defesa não nuclear da Europa deve ser centrado na dinâmica obtenção de armas convencionais avançadas e de tecnologia avançada para formação. Nato deve avançar de novo para reafirmar a superioridade tecnológica que tem sido sempre a principal "vantagem comparativa" das potências do Ocidente.

A posição da Aliança poderia ser mudada por novas tecnologias militares. Entre as mais importantes: Os avançados "processors" que prometem nova eficácia, para as funções de comando e de informações as envolvidas em armamentos de precisão estacionados, os novos sistemas de atingir alvos para esses armamentos, os sistemas "low - observables" (STEALTH) para aviões e outros veículos, para melhorados mísseis balísticos e defesas aéreas. O número de armamentos avançados estacionados exigidos se eles forem para ter algum efeito decisivo numa confrontação total em grande escala entre a Nato e o Pacto de Varsóvia seria substancialmente maior do que projectamos adquirir; eles substituiriam, contudo, muitas das centenas de milhares de bombas "dumb" (1) que seriam exigidas na ausência daqueles. Números menores poderiam ser altamente eficazes em confrontações mais restritas, particularmente nos flancos^{da}/Nato ou noutras regiões na periferia da União Soviética onde a densidade de alvos seria de longe mais baixa do que na região central da Nato. Estes armamentos avançados não são baratos; Mesmo assim, o seu custo continuaria a ser sómente uma pequena fracção dos correntes gastos da Aliança - suficientemente pequenos para que a sua aquisição pudesse ser feita por transferência de fundos entre os programas da Nato, se necessário.

(1) "dumb" ^{Surdo} surdo. Parece referir-se a bombas não susceptíveis de serem teleguiadas e/ou controladas conforme os novas tecnologias militares permitiriam.

O armamento avançado ajudaria Nato a implementar os seus planos para a chamada Fofa (Follow-ON Forces ATTACK) uma doutrina formalmente aceite pela Aliança em 1984. A ideia central da Fofa é que uma defesa puramente estática e superficial não tem possibilidades de repelir uma invasão - que a Aliança tem de imediatamente lançar ataques aéreos contra as forças de seguimento inimigas na retaguarda. Mas ataques aéreos não seriam suficientes. Uma defesa convencional crível terá de incluir também planos para as forças de infantaria de Nato montarem contra - ofensivas ao longo de fronteira Nato - Pacto de Varsóvia (o que teria sido, concerteza, violado pela invasão do Pacto). Mesmo mais importante, as preparações da Aliança para a guerra deveriam incluir planos específicos para explorar o descontentamento possível da Europa Oriental em relação á União Soviética.

A Aliança terá ainda necessidade de uma capacidade para usar armas nucleares eficaz e diferenciadamente.

Mesmo se a Nato fizer melhorias consideráveis na sua defesa convencional, a Aliança terá ainda necessidade de armas nucleares (incluindo armamentos baseados na Europa) pelo menos por duas razões. Primeiro, porque armas nucleares desencorajam a aglomeração de forças em qualquer ataque. Segundo, porque a capacidade da Nato para responder com ataques nucleares controlados e eficazes minimizaria as tentações dos Soviéticos de utilizar essas armas nos seus próprios ataques diferenciados contra elementos chaves da capacidade convencional da Aliança.

Contudo, deveria haver menos ambiguidade acerca da natureza deste meio de intimidação. A Aliança deveria ameaçar usar armas nucleares não como um elo para uma guerra mais ampla e mais devastadora - embora o risco de agravamento continuasse ainda ali - mas principalmente como um instrumento para impedir o êxito das forças soviéticas

invasoras. As armas nucleares seriam utilizadas diferenciadamente em por exemplo, ataques a centros de comando ou concentrações de tropas Soviéticas. A posição nuclear da Aliança, como a sua posição em relação à guerra convencional, ganhará em poder de intimidação com as novas tecnologias que põem em realce precisão e controle.

A posição da Aliança quanto às armas nucleares assim como a sua posição em relação à guerra convencional ganhará em poder de dissuasão com as novas tecnologias que põem em realce precisão e controle.

Haveria poderosos incentivos para os estrategas Soviéticos estarem seguros de que qualquer ataque nuclear contra forças da Nato seria selectivo e diferenciado. Um ataque deste tipo procuraria explorar o facto de que as forças da Nato, diferentemente das forças soviéticas, não estarem preparadas para combater uma guerra combinada nuclear e convencional. Em particular, a Aliança está dependente de um pequeno número de bases aéreas e do seu vulnerável sistema de comando.

Embora a presença militar Soviética na Asia Oriental seja menos poderosa do que na região do Golfo ou na Europa, ela tem estado a crescer e, em combinação com as forças norte-coreanas, constitui uma ameaça para a Coreia do Sul. A ameaça constitui também grande preocupação para o Japão e outros países. A crescente presença militar Soviética no Vietnam do Sul, juntamente com a incerteza acerca do futuro das bases dos USA nas Filipinas, levanta a possibilidade de uma importante mudança estratégica no Sudeste Asiático.

A presença militar dos Estados Unidos nesta região é um

importante factor dissuasivo contra ataques; Contribui para desencorajar agressão Soviética em outras regiões; e tem a virtude de não ser altamente dispendiosa. O essencial do nosso poderio está em forças navais flexíveis, utilizáveis em qualquer teatro de guerra. Como no caso das forças para Europa, estas beneficiarão do acrescentamento de armamentos estacionados "inteligentes" baseados na nova tecnologia. Enquanto que os números exigidos para possíveis guerras na Asia seriam menos do que os da Europa, uma procura alargada desses armamentos seria mesmo mais critica para as contingências asiáticas.

A aptidão das forças Japonesas e Sul-Coreanas contribuir para uma defesa convencional está melhorando regularmente e elas complementam as forças americanas em importantes maneiras. A defesa aérea do Japão e a capacidade para controlar os canais através dos quais a frota Soviética no Pacifico tem de se movimentar, poderia reforçar a nossa capacidade para lidar com um vasto leque de contingências no pacífico. E melhorar a defesa aérea Japonesa progressivamente coordenada com as nossas operações das forças navais, aumentará a eficiência dessas forças.